

Hipertexto e multiletramento: revisitando conceitos

Ana Paula Domingos Baladeli
SME Cascavel

Resumo: A criação de novos espaços para a comunicação, informação e interação na *web* tem demonstrado a possibilidade de novas formas de representação da linguagem. Neste contexto, a formação do leitor para interagir e interpretar a linguagem mediada pela tecnologia ascende como uma necessidade social e linguística. A concepção de texto e de leitura no suporte *web* tem sido redefinida por conta da fusão entre os recursos visuais e sonoros. A *web* ainda possibilita o surgimento de gêneros digitais e a consolidação de uma nova organização textual – o hipertexto, que acomoda as funcionalidades oferecidas pela tecnologia criando uma nova concepção de leitura e de texto bem como, redefinindo os papéis do autor e do leitor. Diante disso, este estudo tem o objetivo de ampliar as reflexões acerca da leitura que se realiza em ambiente virtual e aponta o multiletramento como alternativa para a compreensão do uso da linguagem mediado pela tecnologia.

Palavras-chave: leitura, hipertexto, multiletramento.

Hypertext and multiliteracy: revisiting concepts

Abstract: The creation of new spaces for communication, information and interaction on the *Web* has demonstrated the possibility of new forms of representation of language. In this context, the education of readers to interact and interpret the language of technology mediated rises as social and linguistic needs. The concept of text and reading the *web* support has been redefined because of the merger between the visuals and sound. The *web* also enables the emergence of digital genres and the consolidation of a new text organization - the hypertext, which accommodates the features offered by technology creating a new conception of reading and text as well as redefining the roles of author and reader. Thus, this study aims to deepen the discussion about reading that takes place in a virtual environment and points the multiliteracy as an alternative to the understanding of language use mediated by technology.

Key words: reading, hypertext, multiliteracy.

1. A INTERFACE LINGUAGEM E TECNOLOGIA

O crescente avanço das tecnologias da informação e comunicação – TIC, em especial da Internet, tem proporcionado a criação de novos espaços discursivos. Nas páginas da *web* - interface gráfica da Internet observa-se a estreita relação entre a linguagem verbal e a não verbal, o que favorece o surgimento de novos discursos e a hibridização entre os gêneros textuais existentes (MARCUSCHI, 2005, 2008).

No entanto, ainda que a Internet seja umas das mais abrangentes TIC, devido à velocidade na transmissão de dados e o crescente número de usuários que por ela transitam, as atividades de linguagem mediadas por esta tecnologia ainda encontram-se em estágio inicial, sobretudo, nas práticas pedagógicas. Este, pois, é o ponto de partida das reflexões apresentadas neste estudo que partem do pressuposto de que a leitura em ambiente virtual se consolida como uma modalidade emergente uma vez que requer do leitor/navegador a habilidade compreender os novos arranjos textuais criados *na* e *para* a tecnologia. Os estudos realizados por (LANKSHEAR, SNYDER, GREEN, 2000; BRAGA, 2003; MARCUSCHI, 2005, 2007, 2008; XAVIER, 2005, 2009; RIBEIRO, 2007, 2009) fundamentam nossa discussão acerca das transformações geradas pelo uso da Internet como suporte e meio para as atividades de linguagem e de leitura.

Fundamentados na concepção de leitura sociointeracionista, consideramos que no processo de leitura os significados não estão centrados nem no texto nem no leitor, e sim na interação entre estes dois pontos. No sociointeracionismo “[...] os processos de produção de sentido tomando-os sempre como situados em contextos sócio-historicamente marcados por atividades de negociação ou por processos inferenciais” (MARCUSCHI, 2003, p. 34).

A evolução das tecnologias da informação e comunicação – TIC e do uso delas como ferramentas interacionais o leitor tem sido desafiado constantemente a desenvolver novas habilidades de leitura que possibilite a exploração do texto no suporte virtual - a *web*. A linearidade comum no texto impresso esbarra na versatilidade e na interatividade próprias do hipertexto em ambiente virtual.

Para Marcuschi (2005, 2006) embora o uso da língua(gem) tenha sofrido mutações é pouco provável que a tecnologia interfira na estrutura da língua. O que se observa nas páginas da *web* é a hibridização crescente entre gêneros textuais; o surgimento de gêneros digitais e a fusão entre palavras, ícones, imagens e símbolos. Dado que pode ser constatado em gêneros digitais como o e-mail e o bate-papo virtual em que os *emoticons* (carinhas que representam emoções) são utilizados com muita frequência em lugar de palavras. Além disso, outra característica do uso da linguagem em ambiente virtual é a crescente abreviação das palavras tendo como subterfúgio a necessidade de velocidade em situações de comunicação síncrona (tempo real).

Grosso modo, a popularização do acesso à internet como canal de comunicação e informação tem possibilitado a criação de novas formas de interação e a instauração de novas formas discursivas. Contudo, o fato de o leitor/navegador ter acesso a uma infinidade de

fontes de informação não significa que este tenha condições de fazer um uso competente da língua(gem) nas páginas da *web*. Ao contrário, o que ocorre em muitos casos é a transposição para o ambiente virtual das dificuldades usuais de leitura, escrita e interpretação vivenciada no dia a dia. Segundo Ribeiro (2009), o texto no suporte digital influencia o surgimento de novos gêneros textuais que, lançando mão das ferramentas interativas das tecnologias tem suas características e funcionalidades ampliadas. Cabe, pois, nesse sentido tornar o leitor “um manipulador de textos e suportes, um explorador de possibilidades” (RIBEIRO, 2009, p. 135).

A conectividade da *web* e a possibilidade de reunir vários conteúdos e/ou textos em diferentes formatos ampliam o acesso do leitor/navegador aos discursos construídos socialmente. Isso significa dizer que o processo de leitura que se realiza mediado por essa tecnologia amplia vertiginosamente o acesso à informação e a conteúdos das mais variadas áreas, o que, para um leitor inexperiente representa um esforço cognitivo maior nas atividades de seleção e de leitura. “Todas as formas de ler parecem vilãs de um tempo sem calor, quando, na verdade, são apenas novas possibilidades para algo que já se fazia e já se fez na história das interfaces de leitura” (RIBEIRO, 2009, p. 129).

2. A LEITURA NA WEB

Conforme Chartier (2002), o texto eletrônico é móvel, flexível, aberto, passível de recorte, recomposição, extensão e edição. Na concepção do linguísta, a fragmentação e a não-linearidade deste arranjo textual complexifica o processo de produção de sentido uma vez que o leitor não tem acesso à totalidade do texto. Assim, o leitor tem pela frente um emaranhado de conexões – *hiperlinks* que o conduzirão a outros textos e fontes que para serem lidos e compreendidos dependerão da habilidade deste em “unir as pontas” entre as informações. “A revolução do texto eletrônico é, de fato, ao mesmo tempo, uma revolução da técnica de produção dos textos, uma revolução do suporte do escrito e uma revolução das práticas de leitura” (CHARTIER, 2002, p. 113).

Paradoxalmente, na medida em que o texto eletrônico e o desenvolvimento constante das tecnologias que o suportam provocam mutações na textualidade, também possibilitam ao leitor/navegador a conferência da veracidade das informações e dos textos (quando conectado à rede). “O posicionamento crítico durante a leitura pode ser informado por consultas - facilitadas pelas ferramentas de busca – que permitem verificações e contrastes entre informações de uma forma mais eficiente do que aquelas realizadas via fontes impressas” (BRAGA, 2003, p. 81).

Navegar pelas páginas da *web* não é uma tarefa simples. No emaranhado de conexões possíveis através dos *hiperlinks*, as demandas cognitivas para a produção de sentido são maiores, tendo em vista a convergência entre o texto verbal e os recursos visuais e sonoros, próprios dos novos modos de enunciação (XAVIER, 2009). Assim, toda leitura que se realiza nas páginas da *web* se caracteriza também como um processo de escrita, pois, o papel do leitor é elevado à condição de coautor das produções, rompendo com a supremacia do autor sobre o leitor (CHARTIER, 2002; XAVIER, 2005; MARCUSCHI, 2007).

Todavia, na ampliação do acesso a diferentes textos e diversos gêneros, um ponto que vem sendo discutido por pesquisadores é a emergência no desenvolvimento de habilidades leitoras que permitam ao leitor/navegador fazer uso competente da língua no ambiente virtual (XAVIER, 2009; RIBEIRO, 2007; 2009).

A compreensão dessa nova ordem e a sobrevivência nela dos cidadãos contemporâneos exigem de todos nós uma necessária reflexão e uma urgente aprendizagem das novas maneiras de “ler”, de “escrever” e de “publicar” fatos, atos e opiniões na rede digitalizadas de comunicação (XAVIER, 2009, p. 23).

Estas habilidades permitiriam a formação adequada do leitor/navegador para a utilização, interação e interpretação das múltiplas linguagens que compõem a Internet como domínio discursivo em franca evolução. “A leitura em suporte digital continua sendo leitura. Não se pode confundir a experiência de ler com a tecnologia na qual se lê, mesmo sabendo que cada suporte traz consigo uma carga de informação que modifica a situação de leitura” (ANTUNES, 2002, p. 94).

3. A NATUREZA DO HIPERTEXTO

Conforme Ribeiro (2009), a ideia do hipertexto foi conceituada por Theodore Nelson em meados de 1960, naquela época, o propósito do conceito de hipertexto era representar um modelo de leitura e escrita personalizado, que se realizasse único para cada leitor, a partir de um arquivo de textos que poderia ser acessado sem uma hierarquia pré-estabelecida.

Ainda que conceituar o hipertexto seja uma tarefa difícil em face das divergências teóricas e da franca evolução da tecnologia Internet, um aspecto convergente nas leituras realizadas sobre o tema diz respeito à transitoriedade dos conceitos forjados. Para os limites deste estudo, tomamos o conceito de hipertexto como uma inovação no uso da linguagem e na textualidade, que, devido à sua natureza híbrida, não linear e com base em uma estrutura

reticular, exige novos letramentos. O hipertexto presente nas páginas da *web* caracteriza-se como um emaranhado de nós (*hiperlinks*) que podem ser acionados aleatoriamente visto que são blocos de informações ou acesso a textos, páginas, arquivos independentes entre si. Eis o grande desafio apresentado ao leitor: produzir sentido a partir da fragmentação e de informações disponíveis em diferentes formatos (áudio, vídeo e/ou verbal). “O hipertexto se caracteriza, pois como um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multisequencial e indeterminado, realizado em um novo espaço” (MARCUSCHI, 2007, p. 146).

Ainda segundo o linguista, o hipertexto pode ser um fenômeno próprio do ambiente hipermídia, visto que, diferentemente do texto impresso convencional, em que o leitor tem acesso à totalidade do texto, em muitos casos, sequencial e linearmente produzido, nas páginas da *web*, o hipertexto se configura como um leque de possíveis textos interligados sem uma hierarquia de leitura pré-estabelecida.

A hipermídia – combinação entre a multimídia e o hipertexto – permite trabalhar interativamente com textos, animações, figuras, vídeos, sons. [...] As vantagens desse sistema é que ele é multissensorial, integrado, interativo e intuitivo. As desvantagens são possibilidades de desorientação e sobrecarga cognitiva (ANTUNES, 2002, p. 97).

Para este grupo de pesquisadores (RIBEIRO, 2007; XAVIER, 2009) o hipertexto também existe fora do ambiente virtual, como, por exemplo, em um livro impresso convencional, em que os marcadores espaciais, sumário, índice remissivo, notas de rodapé, contracapa entre outros, norteiam as escolhas e a trajetória de leitura.

A metáfora mais difundida para exemplificar o hipertexto é a do labirinto. Nele, o leitor/navegador é convidado a acionar diferentes *links*, ao longo de uma página na *web*, que o conduzem a textos nos mais variados formatos. Conforme Braga (2003), o hipertexto pode ser interpretado como uma nova modalidade linguística que contempla os novos recursos visuais e sonoros disponíveis no ambiente hipermídia.

No hipertexto, a conectividade e a intertextualidade promovidas pelos *hiperlinks*, de forma análoga, nos remetem ao funcionamento do pensamento humano, visto que este também apresenta estrutura não linear (XAVIER, 2009).

A unanimidade entre os pesquisadores, se é que existe alguma quando o tema é hipertexto, diz respeito à natureza intertextual, interativa e não linear que demarcam e diferenciam o hipertexto da *web* de um texto impresso. Por outro lado, a divergência estaria

no modo em que ele ocorre e não em sua natureza, que é marcada pela fragmentação e pela ruptura com a linearidade, características próprias de um texto impresso (BRAGA, 2003; MARCUSCHI, 2005, 2007; RIBEIRO, 2007, 2009; XAVIER, 2009).

O hipertexto parece só se deixar “decifrar” fragmentariamente, funcionando como uma tecnologia enunciativa, ao mesmo tempo, mutante e plural, cuja inteligibilidade potencial é conquistada, lentamente, por meio dos mergulhos nos links que abrem infinitas portas para outros hipertextos inseridos na malha digital da Internet (XAVIER, 2009, p. 126).

O hipertexto na *web* não foi concebido para ser lido em sua totalidade. As escolhas feitas ao longo da trajetória de leitura do leitor/navegador dos *links* a serem acionados ou não presentes na superfície do texto fazem com que a leitura na *web* seja uma experiência sempre nova e desafiadora. Dessa forma, “cabe ao leitor, durante a leitura, determinar - com base em seu interesse, curiosidade, conhecimento prévio, ou tarefa de leitura tanto a ordem de acesso às diferentes secções textuais, quanto o eixo coesivo que confere sentido ao texto lido” (BRAGA, 2003, p. 80).

Neste sentido, diferente de um texto impresso em que a leitura fragmentada prejudica a compreensão da totalidade e o processo de produção de sentido, no hipertexto na *web*, o acionamento de alguns *links* em detrimento de outros não compromete a compreensão geral do texto, uma vez que foram produzidos para um processo de leitura não linear. Por essa razão, podem ser acessados isoladamente sem um tópico norteador.

A não-linearidade está prevista já mesmo em sua concepção. Essa tecnologia enunciativa assume a deslinearidade em sua arquitetura inicial e o produz com vários *links* que podem levar seus usuários a percorrer diferentes infovias. Por essa razão, a abordagem de um hipertexto sempre será diferente, ainda que seja feita pelo mesmo usuário (XAVIER, 2009, p.123).

A aparente anarquia pode prejudicar um leitor/navegador inexperiente que transita entre um *link* e outro sem saber o que é relevante ler e o que deve ser descartado - tamanha a aparência convidativa e sedutora das informações e/ou textos “linkados”. Por se tratar de uma experiência de leitura diferente de um texto impresso, com começo, meio e fim, com o qual fomos escolarizados e estamos habituados, na *web*, o leitor/navegador tem pela frente uma trajetória imprevisível e altamente convidativa, em que escolhas devem ser tomadas constantemente para conduzi-lo ao conteúdo e/ou texto desejado. De modo geral, a leitura nas páginas da *web* conduz o leitor/navegador a um universo multisemiótico em que o papel das

linguagens (verbal e não verbal) é equiparado, esta é a razão pela qual os pesquisadores acreditam na experiência sinestésica desta modalidade de leitura, já que, neste ambiente “a imagem torna-se um meio de acelerar o processo comunicativo” (BRAGA, 2003, p. 68).

Outro aspecto que merece destaque, diz respeito ao papel do leitor. A *web* projeta o leitor/navegador para a posição de coautor, tendo em vista que cada trajetória de leitura é única. O fato de os *links* não serem definitivos e representarem apenas sugestões do autor para o leitor faz com que o papel do leitor seja mais ativo na leitura no hipertexto, se comparado ao texto impresso convencional. Vale ressaltar ainda que a trajetória do leitor/navegador está relacionada diretamente com seus interesses pessoais e disponibilidade de navegar; por essa razão, é pouco provável que dois leitores realizem o mesmo trajeto de leitura. Conforme Chartier (2002) e Xavier (2005; 2009) o hipertexto inaugura a emancipação do leitor em relação ao autor.

4. LETRAMENTO DIGITAL OU MULTILETRAMENTO?

Neste contexto de ampliação dos espaços de informação e comunicação promovida pela Internet, o desenvolvimento de habilidades específicas que permitam ao leitor/navegador pesquisar, selecionar e refletir sobre as informações navegadas emerge como uma condição para atuação com a língua(gem) mediada pela tecnologia. Assim, o conceito de letramento digital ganha adesão de pesquisadores (MARCUSCHI, 2005; COSCARELLI, 2007; RIBEIRO, 2007; XAVIER, 2009) que acreditam ser este o sinônimo adequado para o conjunto de habilidades que possibilitam ao leitor/navegador interpretar e fazer uso da linguagem no ambiente virtual.

Segundo Coscarelli (2007), ações como utilizar o editor de texto; o corretor ortográfico; o dicionário on-line; enviar e receber e-mail e cartões virtuais e utilizar as ferramentas de busca da *web* corroboram para o letramento digital. Além de ser um leitor nas diferentes práticas sociais, ser letrado digital significa ter a capacidade de interagir e compreender o uso da linguagem mediada pela tecnologia.

O fato é que o leitor, cada vez mais letrado, deve ganhar a versatilidade de lidar com todos os gêneros, de maneira que não tenha a sensação de completo estranhamento quando tiver contato com novas possibilidades de texto ou de suporte. O letramento, além de significar a experiência com objetos de leitura, também deve possibilitar que o leitor deduza e explore o que pode haver de híbrido e reconhecível em cada gênero ou em cada suporte, e, assim, manipulá-lo como quem conquista, e não como quem tem medo (RIBEIRO, 2007, p. 136).

Dado incontestado, o desenvolvimento dessas habilidades para interpretar e interagir com a língua (gem) de forma competente e crítica é uma demanda social que independe do suporte em que as atividades de linguagem se realizam. No caso da leitura no hipertexto, as dificuldades de produção de sentido são maiores, uma vez que requer do leitor/navegador “maior grau de conhecimentos prévios e maior consciência quanto ao buscado, já que é um permanente convite a escolhas muitas vezes inconscientes” (MARCUSCHI, 2007, p. 148). O que ocorre, pois, é que um leitor com dificuldades de interpretar os discursos que veiculam na sociedade na modalidade impressa também apresentará dificuldade na modalidade virtual, devido à multissensibilidade - fenômeno da interconexão entre as linguagens verbal e não verbal, Exige do leitor/navegador mais empenho cognitivo na interpretação das linguagens (MARCUSCHI, 2007).

Para Braga (2003) e Dionísio (2006), os novos modos de representação da linguagem exigem habilidades específicas para interpretar e compreender a fusão entre as múltiplas linguagens considerando a leitura e a escrita em suas diferentes manifestações na sociedade contemporânea. “Na atualidade, uma pessoa letrada deve ser uma pessoa capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas linguagens” (DIONÍSIO, 2006, p. 131).

De acordo com Lankshear, Snyder, Green (2000), letramento significa mais do que ser capaz de operar os sistemas de linguagem e tecnologias. Para os pesquisadores, o avanço das tecnologias não alterou as formas de alfabetização e letramento, apenas impulsionou a aplicação das habilidades básicas de ler e escrever ao ambiente virtual. Na mesma direção, Goulart (2007) acredita que as habilidades de leitura e escrita continuam exigidas em uma sociedade letrada como pressuposto para interação e inserção do sujeito nas práticas sociais. A novidade, porém, diz respeito à interpretação e a organização dos discursos veiculados na tela do computador. Para a pesquisadora, as condições de produção e a mudança no suporte dos textos requerem o desenvolvimento de outro sistema de convenção próprio para esta tecnologia.

Os novos gêneros discursivos, nascidos na esfera da atividade social de novas tecnologias (que inclusive, de repente, pode tornar o esloveno o nosso interlocutor mais próximo...), dependem, substancialmente, da formação de sujeitos letrados no sentido tradicional, se considerarmos que aquela ainda é uma rede prioritariamente de textos escritos; ou que se letrem no contexto de trabalho com a variedade de suportes sociais de escrita, os mais tradicionais e os mais novos (GOULART, 2007, p. 55).

Conforme Braga (2003), os textos produzidos e difundidos no ambiente hipermídia exigem do leitor/navegador a superação das limitações impostas pela tela do computador e a capacidade de integrar eficientemente as modalidades textuais disponibilizadas pelo computador. “Um dos problemas mais evidentes na concepção e apresentação de textos escritos via computador é que a tela não é página, e nela o texto desdobra-se verticalmente como um rolo contínuo” (BRAGA, 2003, p. 70).

Embora o letramento digital tenha sido um termo recorrente nas publicações sobre o uso da linguagem mediada por tecnologia, destacamos a relevância do multiletramento como condição para o leitor interpretar os novos modos de enunciação disponíveis na prática social. O multiletramento possibilita ao leitor/navegador a compreensão dos novos modos de representação da linguagem verbal e não verbal que se materializam em diferentes gêneros textuais, digitais veiculados na Internet, domínio discursivo em crescente evolução. Para ter acesso aos bens culturais e sociais e para participar nas práticas sociais, é requerido dos sujeitos letrados que façam o uso eficiente da leitura e da escrita.

Diante da evolução da tecnologia digital o que vem sendo evidenciado é o uso da língua(gem) em suas diferentes representações (verbal, visual ou sonora). Surge deste contexto a demanda de novos letramentos que proporcionam aos sujeitos as condições necessárias para compreender a convergência entre as linguagens e o papel da tecnologia como suporte e meio de novas práticas discursivas. Nesse contexto, o multiletramento como a habilidade interpretar a língua(gem) em suas diferentes representações. Para Dionísio (2006), o multiletramento incorpora outros tipos de letramentos ao letramento convencional; científico, visual, midiático, crítico, digital entre outros que surgem como demandas para interpretar novos arranjos textuais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *web* tem representado um importante e abrangente suporte para a produção e a veiculação de textos, além do que, como canal de comunicação e fonte de informação esta tecnologia tem ampliado os espaços para as práticas de linguagem. Na crescente fusão entre os recursos e linguagens (verbal e não verbal), o que se observa é a preocupação com a formação de leitores que tenham condições de interpretar e produzir sentido ao que leem nas páginas da *web*.

Sem a pretensão de encerrar o assunto, ou mesmo de estabelecer definições acerca da atividade de leitura em ambiente virtual, este estudo teve o propósito de ampliar as reflexões

sobre a *web* como suporte para atividade de linguagem e apontar o hipertexto como uma organização textual emergente própria deste suporte. Evidenciou-se a partir das leituras realizadas que a Internet – rede das redes tem sido a precursora de novas práticas culturais, sociais e discursivas. Por essa razão, defendemos o multiletramento como alternativa para a formação de um leitor/navegador que tenha condições de compreender e usar a língua(gem) mediada pela tecnologia. Para tanto, vale ressaltar a necessidade de revisitarmos a concepção de texto e de leitura; explorarmos a natureza do hipertexto; compreendermos o papel das múltiplas linguagens; reconhecermos novos gêneros textuais e digitais para redefinirmos o papel de leitor nas práticas sociais atuais. Consideramos que, mediante a evolução da tecnologia e a mutação constante do ambiente virtual, o estudo acerca da interface linguagem e tecnologia permite-nos apenas fazer reflexões provisórias e apontar a emergência na discussão do tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Cláudia R. D. Leitura hipertextual: os liames da rede. In: PEREIRA, Vera W. (org). *Aprendizado da leitura: ciência e literatura no fio da história*. Porto Alegre: EDUPUCS, 2002.

BRAGA, Denise B. A natureza do hipertexto e suas implicações para a liberdade do leitor e o controle do autor nas interações em ambiente hipermídia. São Paulo, FFLCH/USP. *Revista ANPOLL*, n. 15, 2003.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fúlvia M.L. Moretto. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

COSCARELLI, Carla V. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, C.V.; RIBEIRO, Ana E. (org) *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2 ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

DIONÍSIO, Ângela P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, Acir M; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim S.; (org). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

GOULART, Cecília. Letramento e novas tecnologias: questões para a prática pedagógica. In: COSCARELLI, Carla V.; RIBEIRO, Ana E. (org) *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2 ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

LANKSHEAR, Colin; SNYDER, Ilana; GREEN, Bill. *Teachers and technoliteracy: managing literacy, technology and learning in schools*. Sydney, Austrália: Alen & Unwin, 2000.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. (org). *Hipertexto e gêneros digitais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3 ed. São Paulo: Parábola, 2008.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Navegar lendo, ler navegando. Notas sobre a leitura de jornais impressos e digitais*. Belo Horizonte: Interditado, 2009.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, Carla V.; RIBEIRO, Ana E. (org) *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2 ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

XAVIER, Antônio C. Leitura, texto e hipertexto In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A C. (org) *Hipertexto e gêneros digitais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

XAVIER, Antônio C. *A era do hipertexto: linguagem e tecnologia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

Recebido em 17 de outubro de 2010. Aprovado em 01 de janeiro de 2011.